

## VISÃO DO INFERNO: UMA ANÁLISE LITERÁRIA DA VISÃO DO INFERNO NOS ATOS APÓCRIFOS DE FELIPE

### Vision of Hell: An Literary Analysis of the Vision of Hell in the Apocryphal Acts of Philip

Carlos Eduardo de Araújo de Mattos

edubadofe@yahoo.com.br

Mestrando em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo

#### RESUMO

O presente ensaio procura apresentar uma análise narrativa do primeiro ato de Felipe, que é a primeira parte dentro do bloco todo que é o texto dos Atos Apócrifos de Felipe. O trecho apresenta um primeiro milagre do apóstolo, em que ele ressuscita um jovem, filho único de uma viúva e a partir disso, este jovem passa a dar testemunho das visões que teve do mundo dos mortos, do inferno, no período em que esteve morto. O ensaio parte de conceituações teóricas, apresentando as perspectivas de Mikhail Bakhtin e Yuri Lotman, este tratando o tema da semiosfera e as bordas, as fronteiras da semiosfera e as relações culturais que se dão a partir daí, e aquele, nos apresenta os conceitos de tempo e cronotopos e dialogismo. Daniel Marguerat vem com um suporte de perspectiva de análise narrativa e a partir dessas conceituações teóricas, tentamos uma aproximação do texto.

**Palavras-chave:** Inferno — literatura — escritos apócrifos — narrativa — cultura.

#### ABSTRACT

This essay seeks to provide a narrative analysis of the first act of Philip, which is the first part within the whole that is the Apocryphal Acts of Philip. The section introduces a first miracle by the apostle in which he resurrects a young man, only son of a widow, who gives testimony of the visions he had of the underworld, the hell, during the time he had been dead. The essay starts with theoretical concepts by Mikhail Bakhtin and Yuri Lotman, the latter addressing the theme of semiosphere and the borders, the borders of semiosphere and cultural relations that occur from this, and the former presenting us the concepts of time and cronotopos, and dialogism. Daniel Marguerat comes as a perspective support for the narrative analysis and from these theoretical concepts we will try an approach to the text.

**Keywords:** Hell — literature — apocrypha — narrative — culture.

## Introdução

O texto apócrifo dos Atos de Felipe apresenta como primeiro milagre do Apóstolo a ressurreição de um jovem, filho único de uma viúva. Este jovem, ao voltar da morte, passa a relatar uma terrível visão que teve do inferno no tempo em que esteve morto, bem como as penas dos condenados como forma de pregação para o arrependimento de seus interlocutores. Essa é a missão que o jovem entende passar a ter como responsabilidade ao voltar à vida.

Neste artigo se pretende mapear e compreender este texto à luz da perspectiva literária utilizando como base de análise comparativa, elementos da novela e do romance gregos, embora seja reconhecido o pressuposto que esta base comparativa se dê, não numa linguagem rica ou sofisticada como a do romance grego, mas com grego simples e temas pobres em termos de literatura.

Será utilizado como base de fundamentação teórica a semiótica da cultura e o conceito de semiosfera em Yuri Lotman. Nesse sentido, se buscará notar o quanto textos como os de Atos Apócrifos de Felipe, especificamente o trecho a que o artigo se refere, da visão do inferno, entendidos ou lidos como provenientes do que o próprio Lotman chama de bordas limítrofes da cultura podem influenciar a religião, no caso, o cristianismo primitivo, partindo das experiências religiosas das camadas populares. Entendendo-se que estas camadas populares, letradas embora não intelectuais representam fomentadores de cultura religiosa popular que influencia a constituição do cristianismo dos primeiros séculos.

Outro referencial deste artigo será o conceito de cronotopos de Mikhail Bakhtin, conceito este utilizado pelo autor para intrinsecamente definir artística e articuladamente as dimensões de tempo e espaço na literatura. O autor entende não ser possível fazer ação literária sem estes conceitos ou com apenas um deles. Nesse sentido, este artigo procurará apresentar uma análise do uso desses conceitos de tempo e espaço narrativos presentes especificamente neste trecho da narrativa dos Atos Apócrifos de Felipe.

Essa aproximação procura recuperar pontos que sobressaltam do texto e podem ser olhados em paralelo com outros textos e mitos, como por exemplo, a presença, já no final do ato, de um cachorro gigante que faz parte da tradição mitológica pagã. No sentido do que Bakhtin chama de dialogismo. Por isso, é importante neste primeiro momento já se ter em mente que por texto, nenhum dos autores que dialogam com esta pesquisa abordam, de forma reducionista, apenas conteúdos escritos, embora, neste caso, o produto que se tem em mãos, seja o texto escrito do primeiro ato do apóstolo Felipe.

## Sobre os Atos de Felipe

Piñeiro afirma que os Atos de Felipe possuem um caráter mais retórico do que doutrinal<sup>1</sup> e esta característica pode ser relevante ao se pensar esta pesquisa do ponto de vista literário do texto dos Atos. O autor afirma que os Atos de Felipe que dispomos na atualidade, são compostos a partir do trabalho de

---

<sup>1</sup> PIÑEIRO, Antonio Sáenz; CIERRO, Gonçalo del. *Hechos Apócrifos de los Apóstoles*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2011. v. 3.

três autores que juntos, trazem a totalidade de que dispomos hoje para ler o texto.

C. Tischendorf editou o Ato 2 em 1850 servindo-se do manuscrito grego 881 de Paris. M. Bonnet publicou os Atos de Felipe na edição de Atos Apócrifos utilizando-se de diversos manuscritos<sup>2</sup>. Desses, temos para a parte que analisaremos a seguir, especificamente, o Ato 1 V: Vaticano Grego 824, século XI.

Para Piñeiro, o ato 1 nos manuscritos V é um dos textos mais completos dos Atos de Felipe. Este texto, segundo Piñeiro, é comum aos manuscritos denominados como V, Vaticano 824 e em A Xenofontes 32 sendo aquele mais breve, embora o autor aponte que a primeira parte, da ressurreição do filho da viúva, é comum às duas fontes. Então, o que temos é um texto comum às duas fontes.

Segundo Piñeiro, as diferenças e contrastes em todo o texto dos Atos de Felipe se explicam melhor se a obra for pensada como um conjunto de textos diferentes, unidos em torno de um mesmo protagonista e provenientes de diferentes tradições<sup>3</sup>. Neste sentido, pensando do ponto de vista da semiótica, já se poderia falar nas fronteiras da semiosfera<sup>4</sup> ou no que Bakhtin designa como dialogismo. Em todo caso, entre essa sobreposição de conceitos, se faz este “encontro de culturas populares provenientes da oralidade, formando um texto, uma tradição.

De acordo com F. Amsler, nos Atos de Felipe, temos quatro obras especificamente distintas: O ato 1, o ato 2, o bloco dos atos 3 a 7 e o ato 8 e seguintes. Para Piñeiro, o ato 8 (Jesus designando os apóstolos aos seus destinos missionários) demonstraria a intenção de dar início a uma nova obra ou pelo menos, ciclos novos de narração.<sup>5</sup>

### *A questão do protagonista*

Sobre a identidade do Felipe, protagonista dos Atos de Felipe, Piñeiro afirma:

Textos antigos de Eusébio de Cesareia em referência a Clemente de Alexandria citam personagens distintos quando se referem a Felipe<sup>6</sup>. Falaria, citando Clemente, dos apóstolos casados, entre os quais, estaria Felipe. Usa como referência Atos de Lucas em que conta a chegada de Paulo a Cesareia e sua hospedagem na casa do Evangelista Felipe, um dos sete diáconos. Este Felipe, um dos que com Estevão, foi eleito diácono, marchou à Samaria e anunciou o Evangelho. Os dois personagens, o evangelista e o apóstolo estariam unidos por uma mesma tradição que os situa em Hierápolis da Frígia. [...]

<sup>2</sup> PIÑEIRO, 2011, p. 6.

<sup>3</sup> PIÑEIRO, 2011, p. 10.

<sup>4</sup> LOTMAN, Yuri. *La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto*. Tradução do russo de Desiderio Navarro. Madri: Ediciones Cátedra, 1996.

<sup>5</sup> PIÑEIRO, 2011, p. 10.

<sup>6</sup> PIÑEIRO, 2011, p. 11.

O apóstolo Felipe aparece mencionado nas listas dos doze, transmitida pelos sinóticos e pelos Atos Canônicos. Em Mateus 10.3, forma uma dupla com Bartolomeu[...]. O evangelho de João contém várias referências a Felipe. Outro Felipe faz sua aparição nas páginas do Novo Testamento, à ocasião do conflito doméstico entre gregos e hebreus, sobre quem serviria às mesas e neste episódio se elegem sete varões com a intenção de que os Apóstolos pudessem ter liberdade e tempo de se dedicarem a oração e ao ministério da palavra. Entre os eleitos como diáconos, Felipe é o segundo mencionado [Atos dos Apóstolos 6.5].<sup>7</sup>

A despeito de contradições ou posições a respeito do personagem central, compreende-se no apóstolo Felipe, designado por Jesus, conforme mostra o Ato 8 destes Atos, para “a terra dos gregos”<sup>8</sup>. A seguir, apresentaremos o texto específico que se pretende trabalhar em análise, do Ato primeiro de Felipe.

*Tradução: Ato 1 – Ao sair da Galileia, ressuscita a um morto (p. 34, linha 1)<sup>9</sup>*

1. 1Quando o apóstolo Felipe saía da Galileia, uma viúva levava a enterrar seu único filho. O apóstolo sofreu muito em seu espírito ao observar àquela anciã desgraçada que arrancava os cabelos e se desfigurava ao próprio rosto. O apóstolo disse-lhe:

- De que enfermidade morreu?

Ela respondeu:

2 - Me desculpe, por favor, e não me faça perguntas. Pois tenho rasgadas as entranhas e minha voz está quebrada, de modo que não posso te explicar nada. Deixe-me chorar minha dor anônima, pois sou privada de meu filho único sem ter feito nada contra os deuses aos quais sacrificava diariamente. À Marte ofereci não poucos sacrifícios; a Apolo outros tantos; a Hermes quase sacrifiquei minha vida; a Artemis sacrifiquei bezerras; para Zeus levei coroas; para Ateneia ofereci cabritos machos em holocausto. Em uma palavra, levei dons a todos os deuses que existem, incluindo Helios e Selene. Como penso que estão bem honrados por mim, gritei desta maneira, mas não me ouviram. Finalmente, me vi obrigada a buscar a um homem que disseram ser adivinho e que me perguntou: “O que queres, mãe, que te adivinhe?”. Mas resultou ser igual aos deuses, pois me anunciou toda classe de mentiras. As predições me foram inúteis e os deuses vão e cegos. Pode ser que eu seja também igual a estes impostores. Em vão consumi minhas propriedades para atender ídolos vão. Desperdicei minha vida e com ela, meu dinheiro. Maldito seja o que faz culto aos ídolos e se dedica à adivinhação! Ai de mim! A quem reclamarei as riquezas que gastei em vão atendendo a ídolos e adivinhadores, depreciando aos cristãos? Perdi meu filho, o único que tinha.

<sup>7</sup> PIÑEIRO, 2011, p. 13.

<sup>8</sup> Atos de Felipe, p. 129, linha 94.

<sup>9</sup> Tradução minha do espanhol para o português.

2. 1O apóstolo disse:

- Nada estranho, oh mãe, que tenha padecido deixando-se enganar pelo inimigo que busca a perdição das almas. Pois é assim que o diabo engana aos homens que se veem privados da vida eterna. Mas tu, acalma tua dor, porque em seguida ressuscitarei ao teu filho pelo poder de meu Deus Jesus Cristo, o que foi crucificado, ressuscitou e reina pelos séculos. Pois todo o que crê nele, recebe a vida eterna.

3. 1A anciã disse:

- Se o que você me diz, pode me ser aproveitado, oh homem e verdadeiro apóstolo de Deus, ajude-me em minha velhice que “tenho envelhecido” entre desgraças. Quando pedi a morte, tão pouco fui ouvida, apesar de que estava sofrendo muito. Pode ser que não me convenha casar nem comer nada do que excita o corpo, como o vinho ou a carne, mas em vez disso, pão e água, e adquirir tristezas, muitos males e duelos amargos.

2 O Apóstolo disse:

- Verdadeiramente, mãe, não disse essas coisas tão simplesmente. Pois, o que pensas da castidade? Porque Deus é amigo da castidade e ela é o motivo de grande inveja entre os homens. Os que não são capazes de viver castamente e de beber apenas água se esforçam por difamar ao que vive em castidade. Daí que Deus considerou felizes tais homens. Pois Ele disse: “Felizes sois quando os homens disserem contra vocês toda classe de mentiras. Alegrai-vos e regozijai-vos porque a vossa recompensa será grande nos céus<sup>10</sup>. Você pode fechar a boca dos demônios se não tem qualquer preocupação sobre a terra, se não que tenha como Salvador a Jesus crucificado.

4. 1 Quando o Apóstolo havia dito essas coisas, disse a anciã:

- Creio em Jesus a quem você anuncia.

Então, o Apóstolo se aproximou do cadáver e disse:

- Levante-se, jovem, pelo poder de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Em seguida se levantou como de um sonho. E disse, olhando para Felipe:

2 - Como é que a luz deste homem veio até este lugar e me ressuscitou com tanta rapidez a mim que estava morto? Ele era um anjo de Deus e abriu as portas do cárcere de juízo de onde eu já estava encerrado? Ali, vi tribunais e castigos que uma língua humana não é capaz de explicar. Por isso, irmãos, o que tiver pena de si mesmo, fugirá de todos os males e crerá no Deus pregado por este homem; aí será feliz. E o que confessar ao amado Cristo, será glorificado.

<sup>10</sup> Piñeiro afirma neste ponto serem estas palavras tomadas do Sermão da Montanha na versão de Mateus 5.11ss.

### *O ressuscitado descreve as penas do inferno<sup>11</sup>*

[I A 5]. 1Vi uma mulher cujo aspecto era semelhante a um dragão e cujas mãos eram como dardos ao modo de línguas de áspides. Tinha um garfo ardente com o qual empurrava as almas dos homens a um abismo de fogo. Eu perguntei ao anjo:

- Quem é esta mulher?

Ele me respondeu:

- Esta mulher sugere aos homens que enganem aos crentes e tirem sarro deles. Sugere a eles que digam que Cristo é um impostor e os conduz a este abismo. Os faz caluniar uns aos outros. Os que empurra com seu garfo e os engana para que façam palhaçadas e deste modo vão para a sua perdição.

[I A 6]. 1 Continuando, observei a um homem que estava numa fossa infernal e cujos dentes chamavam desesperadamente. Sobre ele havia um anjo que empunhava uma espada de fogo; não havia piedade para ele, senão que era atormentado fortemente. Me aproximei do anjo para lhe pedir que lhe perdoasse durante uma hora. O anjo me disse:

- Pergunte-o pelo que ele fez

Perguntei, então ao que estava a fossa:

- O que você fez para estar assim?

Ele me respondeu:

2- Tratei a muitos como um tirano, bati nos bispos e presbíteros e disse mentiras contra eles. Estou convencido de que não mereço misericórdia, me deixe que seja atormentado, pois ninguém pode escapar de Deus.

Penduraram nele um pedaço de chumbo de duzentas libras (pois me intei inclusive do peso), deste modo era atormentado o desgraçado. Eu o perguntei:

- Por que fez aquelas coisas?

Me respondeu:

- Se eu soubesse disso, não sofreria deste modo. Mas pensava que não havia juízo depois da morte. Por isso, por ter pensado vaidades, recebo justamente o pagamento pelo que fiz.

---

<sup>11</sup> Piñeiro cita neste ponto que essa descrição do inferno pode ser vista a narração que faz a mulher ressuscitada em Atos de Tomé 55-57 e que semelhante descrição aparece no fragmento grego de Apocalipse de Pedro.

[I A 7] 1Seguido novamente minha marcha desde ali, vi a um jovenzinho, cujas costelas estavam à vista e que estava deitado sobre leito de brasas. A imundície que fluía de suas carnes se convertia em serpentes de fogo que saltavam e o devoravam, de modo que seu castigo era incessante. Eu lhe disse:

- Tua situação é terrível, miserável.

Ele respondeu:

2- Se alguém não escuta as advertências, isto é o que lhe espera. Em meu caso, foi minha língua que me fez me perder. Não respeitava nem a meu pai, nem a minha mãe e nem aos presbíteros. Ultrajei inclusive a uma virgem respeitabilíssima. Pois disse que não era virgem e sim, pecadora (encratismo, segundo Piñeiro). Minha palavra saiu de minha boca como fogo, porque a fiz ruborizar, de modo que os que a contemplavam a menosprezavam. Também consegui que jurasse pelo juiz que julga a vivos e mortos. Mas eu que fui julgado por perjuro, pois recorreu a Deus em seu santuário contra mim e sobre mim veio a sua maldição. Mas a sua maldição não veio somente sobre mim, mas a todos os meus congêneres. Pois da mesma maneira que eu, foram também julgados eles, tanto vivos como defuntos. Por isso sou castigado por ter difamado a uma virgem.

3- Eu lhe disse:

- Por que você também fez estas coisas?

Ele me respondeu:

- Não fales mais comigo, que tenho a impressão que não há alívio para mim, pois as brasas me queimam cada vez mais, as serpentes de fogo me mordem mais e mais e eu sou amargamente torturado.

Eu comecei a chorar e disse:

- Por favor, me leve aos eunucos e as virgens. É muito possível que possa conseguir que se lhe perdoe, pois está sendo terrivelmente torturado (a prática encratita de conseguir o perdão para os condenados, segundo comentário de Piñeiro).

[I A 8] 1Saiu ao meu encontro, o arcanjo Miguel, o que tem a chave do fogo e me disse:

- Não podes reclamar nada nem dos eunucos e nem das virgens, pois é outro o que julga. Em efeito, da mesma maneira que se alguém comete pecado não obtém misericórdia, assim tão pouco a obtém o que calunia; nem sequer embora reparta seus bens entre os demais, nada conseguirá. <sup>2</sup>Da mesma maneira que fez pública ante muitos a sua mentira, assim é pública ante todos sua condenação. Pois o que calunia sobre a castidade não obtém misericórdia, nem ele, nem o hipócrita, nem o invejoso, nem os enganadores, nem os que se alegram quando ouvem mentiras malvadas. Porque está escrito: “Se mentes e não se retratas, cairás nos mesmos tormentos”. Assim, tão pouco obterá misericórdia o que oculta um pecado.

[I A 9] 1 Vi, depois a uns homens que tinham bolas de fogo e a jogavam uns aos outros. E disse:

- Tem misericórdia, oh Deus, tem misericórdia, o que é isso?

Me responderam:

- Falamos muitas coisas más dos justos e dos que viviam em castidade, dizendo que este ou este ou ele mais de lá haviam pecado. Não tendo nada verdadeiro, corríamos sem sentido em nossa embriagues e nos esforçávamos a chegar através dela a mentira. Caso contrário, por isso nos lançávamos uns aos outros as bolas e as lanças de fogo.

Disse então:

- É justo o juízo de Deus.

[I A 10] 1 Depois de retirar-me dali, vi um homem que tinha a cabeça calva, sobre a qual, caíam brasas acesas. Ao sentir-se queimado, gritava, sujeitando-se a cabeça com ambas as mãos. Aonde quer que se dirigisse, o seguia o anjo levando um crisol na mão, do qual caíam gotas de fogo. Mantinha o crisol acima do homem de modo que gotejava sobre sua cabeça. Eu o perguntei:

- E você? O que fez?

(Pois ele não via o anjo, como se seu castigo o viesse pelo vento) 2 Aquele me respondeu:

- Essas coisas me foram provocadas pelo vinho, pois estando em plena embriagues, disse muitas loucuras contra os bispos, os presbíteros, os eunucos e as virgens. Os difamava como se fossem homens libertinos e comecei a cantar músicas contra eles. Da mesma maneira que eu dizia sentenças contra sua cabeça, assim recebo justamente o pagamento contra a minha. Como compus canções para eles, assim, as recebo agora, e deixo escapar estas vozes ao ser queimado, lamentando-me por minha desgraçada cabeça.

3 Quando eu observava a aquele homem miserável, me parecia uma injustiça, porque era um ancião e de idade avançada. E disse:

- Por favor, mostre-me onde vivem as virgens.

Me responderam:

- Não podes vê-las se não regressas ao mundo, recibes o batismo e te tornes imaculado. Não poderás ver nem a um eunuco, nem a uma virgem nem a um purificado pela penitência. Deixa, pois, que este desgraçado se submeta a sua sentença. Porque não é próprio dos servos de Deus nem comentar e nem declarar nada.



4 Eu, ao ouvir que tinham razão no que falavam, disse:

- Sofre, desgraçado, o que atormenta a tua cabeça.

Dito isto, deixei que seguisse em seus tormentos. E quando me dispunha a me retirar, se pôs a gritar:

- Se podes algo, me ajude!

Eu disse:

- Mostrem-me, ao menos, o lugar das virgens.

[I A 11] 1 Eu andava dando voltas e buscando, mas como nada me indicava nada, me saiu ao encontro o arcanjo Miguel e me disse:

- Por que sofres, em vão? Não sabes que em sua amargura lançaram maldição ao mundo contra o homem calvo e já não encontra misericórdia, porque o desgraçado foi desviado miseravelmente pelo vinho? O vinho produz murmurações, ira, inveja, hipocrisia, libertinagem, arrogância e todas as coisas desse estilo. A tais homens, os aguarda inclusive o crisol, especialmente aos idólatras, aos debochados, aos adivinhos, os encantadores e aos feiticeiros. O crisol gira em seu movimento ao redor desses homens.

2 E eu disse:

- Vou embora daqui, porque alguém me chama para que volte ao mundo e não sei quem é.

Me disse o líder Miguel:

- A mim, isso permitiu-me libertar-te. Pelo mais, a ti corresponde apressar-te para ir até ao que te chama. Pois se, livre dos tormentos, quiseres marchar e contemplar os tribunais de justiça, quantos dias são necessários?

[I A 12]. 1 Quando ouvi estas coisas, me apressei a sair uma vez fora, vi diante da porta um homem e uma mulher. o grande cachorro chamado Cerbero, o de três cabeças, estava preso na porta com cadeias de fogo e devorava ao homem e a mulher, sujeitando entre as patas os fígados de ambos. Eles, como meio mortos, gritavam:

- Tenha piedade de nós, ajude-nos!

E ninguém os ajudava. Eu corri para os pegar de volta do cão, mas me disse Miguel:

- Deixa-os, porque eles também blasfemaram contra os presbíteros, as presbíteras, os eunucos, os diáconos, as diaconisas, as virgens, acusando-os falsamente de libertinagem e adultério. Depois de ficar

chateado na tentativa, me deram Miguel, com Rafael e com Uriel e os entregamos como alimento a este cachorro até o grande dia do juízo.

Eu o disse:

- Líder Miguel, segue-os torturando.

Ele me disse:

- Não há misericórdia nem para estes e nem para quantos quiserem imitá-los, porque os aguarda a ferramenta de tortura do cachorro. Não somente aqui, mas em suas vidas carnais, conhecerão muitas penas se não quiserem se arrepender. Surgirá contra eles demônios, tristezas, aflições, os enviarei homens tiranos que lhes causarão muitos males.

Me apressei a me aproximar do que me havia chamado, enquanto dizia a mim mesmo: “Irei contar aos que estão no mundo que aqui há muitos castigos”.

[I A 13] 1 Saindo da porta, vi um altar, cujos servidores eram homens zelosos, porém, cheios de hipocrisia, uns com os outros. E disse:

- Quantos juízos eu vi por eles e veja quantas coisas fazem hipocritamente.

Me disse o líder Miguel:

- Aguarde e verás que também eles pagarão suas penas. Pois diante de Deus não há aceção de pessoas. O zeloso, o hipócrita, o invejoso, o furioso, o que ultraja sem motivo, o que provoca desordens, o que julga injustamente são todos castigados.

2 Passando adiante, descobri levantado um trono tão imenso que não posso descrever. Estava como coberto de flores. Observei uma espécie de trovão que saía do trono e convocava aos servidores do altar. Mostrou contra eles muitas acusações como embriagues e frivolidades, ao mesmo tempo em que lhes dizia:

- Não está escrito acaso: “Se alguém dirige uma palavra vã, será réu de juízo?” Não sou eu quem te ultraja, senão tu mesmo o que te acusas.

E dizia a outro:

- Para ti está escrito: “Não te irrites”. Mas tu, se irritando com insolência, flagelaste a teu semelhante. Veja como pecaste contra outro com tua maledicência.

A outro disse:

- Não viste na Escritura que “o que detestas, não o faças a outros?” Tu também te acusas a ti mesmo. Porque lês e não entendes.

Os demais gemiam e estavam arrependidos. O líder Miguel lhes dizia:

- Quantos querem ser piedosos, tende cuidado com o lobo, pois por fora se faz cordeiro, mas por dentro é um lobo voraz.

E os advertiu:

- Se não se converterem, não obterão misericórdia.

[I A 14] Eu contemplei essas coisas, servo de Deus Felipe e minha alma se comoveu fortemente. Pois temo que não seja que o diabo impostor se aproveite de mim e me arraste até aqueles tribunais.

[I A 15] 1 Respondeu Felipe:

- O que você viu? São coisas pequenas e ordinárias as que você contemplou. Cuide de você mesmo e receba o sagrado batismo. Como te disseram os que estavam ali, se não te apresentas sem mancha, cairás naqueles castigos. Por isso, meu filho, não tenhas necessidade de mestre uma vez que contempleste os castigos dos pecados. Se podes, combates bem, terás eternamente patronato sobre muitos.

[I A 16] 1 O jovem disse:

- Me permita, apóstolo de Deus, dizer uma coisa que agora recordo.

O apóstolo disse:

- Fala, meu filho.

O menino disse:

- Ao voltar a esse mundo desordenado, vi dois homens desterrados, que tinham suas mãos atadas na parte de trás e estavam sendo atormentados em uma grade. Ao lado havia um caldeirão de chumbo borbulhante e o encarregado os obrigava e bebiam do chumbo, de modo que por fora eram abrasados pelo fogo e por dentro pelo chumbo.

2 Perguntei porque eram atormentados dessa maneira e o anjo me respondeu:

- Estes fizeram muitos males na terra. Condenaram a homens inocentes, os infamaram, os depreciaram crendo que eles mesmos eram justos. Amarguraram os servos de Deus dizendo: “O que nos poderiam fazer esses?”. Em atitudes de tiranos, de altivos e cheios de maledicência, alardeando mutuamente

já de embriagues, já de despojo dos pobres e de avareza, além de ganhar a reputação de loucos, encontraram o castigo, incluída a pena pelos males que fizeram na terra. Estes são aqui queimados em troca dos prazeres que tiveram no mundo e bebem chumbo borbulhante porque se embriagaram com todos os males. Pois quanto o homem fez para si mesmo, isso o encontra aqui sobre sua própria cabeça por haver propagado frivolidades com sua língua malvada.

[I A 17] 1 Depois de observar estas coisas, fui arrebatado por um vento e cheguei até aqui, para que, ressuscitado por ti, fizesse esse relato. Se, pois, alguém quiser ter compaixão de si mesmo, deverá renunciar a todos os males. O que crer em Deus será muito feliz. O que confessar a Cristo, o amado. Será glorificado. E quanto ao caminho dos justos, vi que por outras vias conduz ao refrigério, porque durante sua vida, creram em Jesus.

[I A 18] 1 Desta maneira, ressuscitado da morte aquele jovem, junto com sua mãe, creram ambos de forma maravilhosa e converteram a muitos. Por eles, receberam o batismo e davam gloria a Deus. Todos deram graças a Cristo, o salvador. Ofereceram ao Apóstolo abundantes recursos e se apartaram do erro crendo em Cristo. O jovem seguiu o apóstolo enaltecido pelos prodígios que este realizava a cada dia e todos davam glória a Deus. Amém.

## Fundamentação teórica

Antes de entrar na análise deste texto do primeiro Ato de Felipe, interessa a esta pesquisa compreender alguns conceitos chave em que se debruçará o trabalho, a fim de uma compreensão, uma vez que, por tratarem-se de textos apócrifos, nem sempre se encontrará respaldo, como por exemplo, comentários, do ponto de vista tradicional, como comparativo no exercício exegético. Para tal, portanto, faço a opção de usar conceitos e ferramentas linguísticas e de literatura, entendendo-se o texto como nada mais do que texto *per si*.

### ***Bakhtin: conceitos de dialogismo, formas de tempo e cronotopo no romance e carnavalização e realismo grotesco***

Nessa tarefa de análise, o conceito de dialogismo em Bakhtin pode cumprir um papel fundamental. Segundo tal conceito, todo texto (enunciado) existe, necessariamente, para relação de outros enunciados<sup>12</sup>. Ou seja, um texto sempre possui fontes em outros textos porque está em diálogo com eles. O texto não é estático. Por isso não há como compreendê-lo se não for estudado em seu aspecto dialógico. O enunciado é texto em ação. São vozes da sociedade.<sup>13</sup>

<sup>12</sup> LEITE, Francisco Benedito. Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos. *Revista Magistro*, v. 1, n. 1, p. 43-63, 2011.

<sup>13</sup> GINZBURG apud LEITE, 2011, p. 52.

Ao pensar sobre as formas de tempo, embora não necessariamente trate de, como afirma o autor para se referir ao “tempo de aventura” entre o momento da paixão entre o casal e o tempo de seu reencontro e casamento, no texto dos Atos de Felipe, especificamente, no primeiro ato em que há essa descrição de um mundo fora do alcance do mundo real e toda a ação ocorre num tempo e também num espaço completamente abstratos, “não há nada da lógica do tempo cotidiano e bibliográfico”.<sup>14</sup>

Ou seja, o jovem ressuscitado, retorna da morte e relata o que viu num tempo em que não se tem ideia ou noção de duração. Quanto tempo durou a ação? Por quanto tempo este jovem permaneceu morto e em sua visita ao inferno? Não há absolutamente nenhuma intenção ou preocupação quanto a este tempo, literariamente.

A geografia do ponto de vista cotidiano também não pode ser alcançada. O texto trata de uma geografia longe da realidade, a geografia do inferno. Não há uma definição geográfica clara: onde fica este inferno? Tempo e espaço são totalmente abstratos, pois o que ocorre na narrativa está fora de outras formas de classificação do tempo<sup>15</sup>. O que se destaca são curiosidades e bizarrices, na maioria das vezes, fictícias. Além da questão do tempo, em que há um imenso e óbvio hiato.<sup>16</sup>

De forma, bastante simplória, o conceito de carnavalização consiste no movimento de catalização e transposição para o papel, da cultura popular medieval, das feiras, as ruas e no carnaval, do riso, do deboche, dos xingamentos, da inversão de valores e do realismo grotesco.<sup>17</sup>

De acordo com a leitura que Leite faz desse conceito de Bakhtin, o carnaval foi escolhido porque era “o momento em que a cultura do povo encontrava oportunidade para uma subversão não destrutível, onde o pobre e o rico eram nivelados, pois, nas apresentações do inferno medieval era isso o que se manifestava”.<sup>18</sup>

Tendo esta conceituação como horizonte, é possível afirmar a presença desse elemento de realismo grotesco dentro dos Atos de Felipe, especificamente no que diz respeito ao ato primeiro, na descrição das penas do inferno para os condenados, segundo o relato desse jovem ressurreto. Talvez não exista a possibilidade de carnavalização, uma vez que em nada, essa cena do inferno pareça ter intenção de graça ou de fazer rir.

A despeito dos condenados, muitas vezes afirmarem que as penas que sofrem sejam “continuações” de suas atitudes em vida, há uma clara inversão dessas realidades: aqueles condenados que faziam ou falavam em deboches e maledicências, nesse tempo de condenação sofrem o peso de suas escolhas, sofrem as penas e as dores que causaram em suas “vítimas” em vida.

<sup>14</sup> LEITE, 2011, p. 57.

<sup>15</sup> LEITE, 2011, p. 57.

<sup>16</sup> BAKHTIN, Mikhail. Formas de tempo e cronotopo no romance: ensaios de poética histórica. In: *Questões de literatura e de estética*. Tradução de Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Hucitec; Anablume, 2010, p. 211-362.

<sup>17</sup> LEITE, 2011, p. 60.

<sup>18</sup> LEITE, 2011, p. 61.

### *Yuri Lotman: a semiótica da cultura e o conceito de texto. A semiosfera*

Lotman apresenta duas possibilidades de função de texto: uma como catalisador em que ele desempenha o papel de mecanismo descritor da realidade e assume, portanto, a função de modelo da cultura da qual surge, ou por outro modo, realiza uma conduta independente em que ele apresenta elementos metatextuais, que vão além do texto, nesse caso, nos limites polissêmicos da semiosfera.

O texto se apresenta, segundo Lotman, não como uma única mensagem ou uma só linguagem, mas sim como um complexo dispositivo que guarda diferentes códigos sendo capaz de guardar as mensagens recebidas e gerar novas mensagens.<sup>19</sup>

A semiosfera é, para Lotman, o espaço sem o qual não pode fazer semiose, ou seja, não pode haver significação<sup>20</sup> e um dos conceitos fundamentais, para ele, na compreensão da semiosfera é o de fronteira:

A fronteira é o mecanismo bilíngue que traduz mensagens externas para a linguagem interna da semiosfera e o inverso. Assim, pois, só com a sua ajuda pode a semiosfera realizar os contatos com os espaços não semióticos e “asemióticos”. Para tanto, passamos ao domínio da semântica, nos vemos na necessidade de apelar para a realidade extra semiótica. Mas, no entanto, não se deve esquecer que, para uma determinada semiosfera, esta realidade só torna-se realidade para si na medida em que seja traduzível a linguagem da mesma.<sup>21</sup>

Este mecanismo de linguagem de fronteira se apresenta nos Atos de Felipe, em especial no ato 1, na descrição e relato que o jovem que vai ao inferno faz, justamente neste encontro de vida e morte; nesta relação de fronteira entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, onde os limites estão postos. Este espelho de realidade no campo narrativo, de realidade mundo em contraponto com o mundo do além.

O texto dos Atos Apócrifos de Felipe é, em si mesmo, um enunciado que vem, possivelmente, da fronteira, do encontro de culturas nos limites da semiosfera, dessa comunicação polissêmica de intertextualidades.

### Análise narrativa do primeiro ato de Felipe: a ressurreição de um jovem e sua visão do inferno

Partindo da fundamentação teórica acima, a aproximação com o texto do Ato Primeiro de Felipe é proposta, não a partir de uma tentativa de se chegar ao autor ou ao contexto em que esse texto fora produzido, mas em especial, uma aproximação a partir de análise narrativa, aqui entendida, como eixo de comunicação. Como esse texto comunica uma mensagem aos seus interlocutores?

---

<sup>19</sup> LOTMAN, 1996.

<sup>20</sup> LOTMAN, 1996, p. 12.

<sup>21</sup> LOTMAN, 1996, p. 14.

Do ponto de vista teórico, entendendo análise narrativa como “leitura pragmática que estuda os efeitos de sentido produzidos pela disposição da narração”, partindo do pressuposto que existe uma intenção, uma estratégia narrativa desenvolvida<sup>22</sup>. Para tanto, é fundamental perceber, por exemplo, quem conta a história. Não se trata de uma discussão sobre autor, uma vez que, do ponto de vista da narrativa, o autor não nos interessa, mas o narrador.

O texto dos Atos de Felipe é contado por um narrador que não é personagem, mas é, segundo a conceituação de Marguerat, um narrador onisciente e confiável. Entretanto, no trecho específico tratado nesta pesquisa, do ato primeiro, há uma alternância de narradores.

### *A questão do narrador*

Marguerat nos apresenta o conceito de um narrador onisciente e confiável, que estabelece de pronto, uma relação com o leitor e que, uma vez estabelecida esta relação de confiança, se tem narrativa. Esse narrador, defende Marguerat, vai conduzir os olhos do leitor e fica estabelecido uma espécie de contrato em que ele (narrador) tem o poder de escrutinar sentimentos, descrever reações, revelar acontecimentos que não tiveram testemunhas e relatar sonhos, visões, etc.<sup>23</sup> No caso específico do Ato primeiro de Felipe, conforme pôde ser percebido no texto, esse narrador primário, onisciente, na construção do texto sai de cena e dá passagem para a entrada de um narrador personagem, chamado por Marguerat como narrador secundário.

A seguir, entraremos na análise do texto como um todo. A pesquisa buscará observar questões relacionadas ao conceito de cronotopo e da análise narrativa do texto em blocos, dividindo o texto por castigos na visão do jovem.

### *Ao sair da Galileia, ressuscita um morto*

O texto se inicia com o encontro do Apóstolo Felipe da Galileia e seu encontro com uma viúva que perdera o único filho (p. 33, linha 1ss). Aqui há uma noção geográfica, “saindo da Galileia”, mas o texto não chega a ser preciso em oferecer localizações. Diz apenas “saindo da Galileia”.

Já neste primeiro momento, se dá a relação com um narrador que apresenta “o sofrimento no espírito do Apóstolo ao ver aquela mulher que se desespera e arranca os cabelos” (p. 33, linha 1).

A partir deste primeiro contato, o narrador nos apresenta um diálogo de interesse do apóstolo e desta mãe. Ela pede a ele que não a pergunte nada e explica seu sofrimento em não entender o que fez de errado para merecer tal sofrimento. Ela enumera os sacrifícios que fez a todo um panteão de deuses

<sup>22</sup> BOURQUIN, Yvan; MARGUERAT, Daniel. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

<sup>23</sup> BOURQUIN; MARGUERAT, 2009, p. 22.

romanos e gregos como Marte, Apolo, Hermes, Artemis, Zeus, Ateneia, Hélios e Selene. Essa relação de uma viúva da Galileia com o panteão greco-romano remete ao que Lotman aponta como comunicação nos limites da cultura, nas fronteiras da semiosfera.<sup>24</sup>

O diálogo ainda prossegue entre Felipe e essa viúva e passa a se dar no âmbito de temas muito presentes ao longo de toda a narrativa dos Atos de Felipe e que, por isso mesmo, parecem permear toda a história: a questão da castidade: quando Felipe pergunta à viúva o que ela pensa sobre isso e afirma que “Deus é amigo da castidade” (pág 35, linha 3, parágrafo 2) e na questão que também reaparece ao longo dos Atos de Felipe e de outros Atos Apócrifos, da abstinência de beber vinho e comer carne, nas palavras da viúva, que almeja por apenas comer pão e água. (pág 35, linha 3, parágrafo 1).

O diálogo passa então a ser entre o Apóstolo, que se aproxima do moço e lhe dá uma ordem para que se levante apenas e o narrador onisciente sai de cena a partir de então, na narrativa, e o jovem, ao ressuscitar, passa a relatar o que viu e assume o papel de narrador (p. 35, linha 4, parágrafo 2 e p. 36, linha 1, parágrafo 1). É relevante ressaltar a esta altura que, além dos temas da abstinência de determinados tipos de comida e da castidade, o ambiente que surge será de vital importância em outros momentos no texto. O narrador-personagem nos conduz do mundo “real” de quem estava “saindo da Galileia” para uma jornada ao inferno.

### *O inferno e o abismo como “lugares” no texto de Atos de Felipe*

O jovem ressurreto passa a mostrar o inferno como local de tormentas e castigos para um determinado grupo de condenados; ele não chega a afirmar como entrou, porque foi parar lá e como se deu essa passagem, mas aqui temos duas observações importantes: do ponto de vista do cronotopo de Bakhtin<sup>25</sup>, este inferno é um espaço geográfico fora do alcance da realidade.

Se “saindo da Galileia” já apresentava um espaço narrativo, este “inferno” ou “abismo” é completamente pertencente ao não mundo e os relatos a seguir virão cheios de elementos do que Bakhtin define como realismo grotesco<sup>26</sup>, nos tormentos e castigos dos condenados. E nesse sentido, passa a nos apresentar também um “espelho”, conceito presente nas bordas da cultura de Lotman, em que se apresentam inversões e elementos de “não cultura”.<sup>27</sup>

Outro aspecto fundamental e nesse caso, para a própria construção do texto, é que este “abismo” voltará e será fundamental ao longo da narrativa: no ato seguinte, Felipe, tomado de cólera, ordena que o chão se abra e engula o sumo sacerdote que vai de Jerusalém para Atenas a fim de prendê-lo, e este sumo sacerdote, nos conta a narrativa, vai parar no abismo, “desceu vivo ao inferno” (Ato 2, p. 71, linha 28, parágrafo 3).

<sup>24</sup> LOTMAN, 1996, p. 12.

<sup>25</sup> BAKHTIN, 2010, p. 211-362.

<sup>26</sup> BAKHTIN, 2010, p. 218.

<sup>27</sup> LOTMAN, 1996, p. 13.



E uma vez mais, no final do texto, já dentro da narrativa de martírio do apóstolo, ele com Bartolomeu e sua irmã Mariamne estão sofrendo o martírio e num momento de fúria contra o povo de Hierápolis, Felipe ordena que o abismo se abra e engula toda a população da cidade e assim, eles são todos enviados ao inferno (Ato de martírio, p. 195, linhas 132 e 133, parágrafo 27).

Tanto na narrativa do ato segundo em que o sumo sacerdote é lançado ao inferno sem as roupas e elas desaparecem (pág 71, linha 28), quanto na narrativa do ato de martírio, o abismo se abre por conta da ira do Apóstolo e sob a ordem de Felipe. Ele tem, para a narrativa esse poder de “abertura do inferno”. Talvez, o texto do ato 1, com a ressurreição do jovem deseja mostrar esse poder se inaugurando: Felipe traz o jovem de volta do inferno, o chamando à vida (p. 44, linha [I A 11], parágrafo 2) e a partir daí, ele ganha essa autoridade de abrir as portas do abismo.

A diferença se dá sob o aspecto de que, tanto no ato primeiro, da ressurreição do jovem, como no ato de martírio, o ato final, há o retorno do inferno. No primeiro caso, por iniciativa do chamado de Felipe, como já mencionado acima e no último, por iniciativa de Jesus, em repreensão à ira de Felipe e nesse caso, o apóstolo sofre consequências por essa ira. Felipe ficará do lado de fora do paraíso por quarenta dias, como castigo pela desobediência. A desobediência, no caso, segundo as palavras de Jesus nesse encontro é que Felipe “pagou mal por mal” (Ato de martírio, p. 197, linha 137, parágrafo 31).

Se no caso do jovem, Felipe o chama de volta do inferno, no ato de martírio, Jesus estende sua mão, traz uma cruz no ar que vem do céu ao abismo e todos, exceto o procônsul e a Víbora que era objeto de culto, subiram pela cruz, de volta à vida (p. 199, linha 138, parágrafo 32).

A única conclusão que se pode chegar, sob o ponto de vista de localização geográfica, se é possível afirmar tanto, é que este inferno está no abismo e debaixo do chão. Seja “saindo da Galileia” ou em Hierápolis, é mediante a ordem de Felipe de que se abra o abismo que vai ocorrer o “inferno”. Embora, na narrativa do ato primeiro, em sua composição narrativa<sup>28</sup> não aconteça de forma física. Diferente dos habitantes de Hierápolis e do sumo sacerdote, o jovem que é trazido de volta não tem uma experiência necessariamente corpórea, não cai no abismo. Ele sai do inferno passando por portas e desperta do sono da morte, retornando à vida, ao ouvir uma voz que o chama (p. 45, linha [I A 11], parágrafo 2).

Isso colocado, retomemos, pois, a análise dos relatos do jovem ressurreto.

### *As penas do inferno*

O jovem, então, assume o papel de narrador em segundo grau, segundo o conceito de Marguerat, e passa a ser voz a guiar<sup>29</sup> o que viu no inferno e diz que a primeira coisa que vê é uma mulher com aspecto de dragão e que trazia nas mãos, dados como línguas de serpentes e um garfo que usava para empurrar

<sup>28</sup> BOURQUIN; MARGUERAT, 2009, p. 31.

<sup>29</sup> BOURQUIN; MARGUERAT, 2009, p. 24.

os homens ao abismo (p. 37, linha I A 5, parágrafo 1). Ele afirma iniciar um diálogo com um anjo que o havia aberto para ele os cárceres de juízo de Deus e pergunta a este anjo quem era esta mulher. O tema neste primeiro momento é o do deboche com aqueles que creem. A mulher sugere que os homens façam piadas uns com os outros e se enganem.

### *O conceito de tempo na narrativa do inferno*

No parágrafo seguinte [I A 6], o jovem, narra que viu um homem em uma fossa e o jovem pede o perdão para este homem, por uma hora. E independente do que se dá, na narrativa, é importante se analisar o uso desse tempo no texto. Não se trata, nesse caso, do que Marguerat define, utilizando-se de Paul Ricoeur, de “tempo mortal”<sup>30</sup>, visto que está se falando de um mundo não-mundo, do inferno. O que representa, do ponto de vista da narrativa, esse tempo de uma hora, dentro do conjunto maior de tempo que este jovem permaneceu morto?

Não se tem uma dimensão desse tempo de morte, de quanto tempo demorou essa permanência desse jovem no abismo e em “estado de morte”. Marguerat defende que “o estudo de temporalidade narrativa se consagra a esse jogo de relações entre tempo contado, que é o tempo da história contada, e o tempo contando, que é o da narrativa”<sup>31</sup>. Não parece, portanto, haver uma preocupação nessa “história dentro da história”, com questões de tempo. Na verdade, essa preocupação não parece estar muito presente em toda a narrativa dos Atos de Felipe; a ação vai se desenvolvendo, ponto a ponto, “tirando o fôlego” do interlocutor que espera, para ver o que vai acontecer a seguir.

### *Os castigos, intercessões em favor dos condenados*

Nas cenas apresentadas a seguir, o jovem é apresentado a outros condenados, um jovem, que tem líquidos que escorrem das suas feridas convertidas em víboras de fogo que o devoravam como castigo por difamar e colocar em dúvida a virtude de virgens, em contraponto, um idoso, que recebe gotas de fogo sobre sua cabeça calva como castigo por beber muito vinho e por causa disso, fazer piadas e canções debochando das autoridades eclesíásticas e entre estes, mais dois homens, condenados a jogarem bolas de fogo um para o outro eternamente, por falarem mal dos que vivem em castidade. Nesse episódio, fica bastante evidente o que Bakhtin chama de realismo grotesco, presente nos castigos desses condenados. (p. 39, 41 e 43, linhas [I A 7] até [I A 10] ).

Interessante observar alguns elementos. O jovem em questão não está condenado a nenhum desses castigos, mas exerce o papel de narrador secundário do que observa. Ele interpela os anjos, ora um desconhecido que o acompanha e some, ora ao arcanjo Miguel, que por vezes, vem ao seu encontro e ele chama de “líder Miguel” (p. 45, linha [I A 12], parágrafo 2), e há nesses encontros, sempre numa

<sup>30</sup> BOURQUIN; MARGUERAT, 2009, p. 100.

<sup>31</sup> BOURQUIN; MARGUERAT, 2009, p. 107.

perspectiva de interceder por estes condenados junto aos eunucos e virgens que foram, segundo conta a narrativa, as vítimas, os ofendidos por eles.

Nesse sentido, de intercessão pelos condenados, embora, os anjos tenham negado para ele esse direito (p. 43, linha [I A 11], par. 1 e outros), encontra paralelos na história dos textos de viagens ao mundo dos mortos, aos infernos na tradição apócrifa antiga ou no que Nogueira define como pseudepigrafia, escrever um texto usando a autoridade de outro.<sup>32</sup>

### *O diálogo com Apocalipse de Paulo na questão da intercessão pelos condenados*

O Apocalipse de Paulo teve uma forte transmissão textual<sup>33</sup>. E neste texto, o personagem central, Paulo, também, não apenas revela ou relata os eventos do mundo do além, como também exerce um papel de mediador nesse mundo. A diferença está no fato de que, no Apocalipse de Paulo, a intercessão deste pelos condenados e sua presença juntamente com Miguel, tem um resultado positivo de “um dia de misericórdia para os condenados ao poço mais fundo, onde eram pagos os pecados mais graves”.<sup>34</sup>

O texto da Visão de Paulo, de acordo com Nogueira, embora tenha sido precedida por textos como o Apocalipse de Pedro e pelo Evangelho de Bartolomeu, exerce uma forte influência no imaginário antigo sobre o além mundo e é nela que se encontra, segundo Nogueira, a primeira forma elaborada e completa deste modelo de narrativa.

Nesse sentido, Nogueira defende que estes textos apresentam “não apenas descrições de lugares fantásticos, mas tudo que é visto e a forma como é visto, é entendido como avaliação da realidade social”<sup>35</sup>. Dessa forma, ele entende as inversões de perspectivas de mundo e defende terem essas inversões origem na oralidade.<sup>36</sup>

### *Saindo do inferno, o encontro com o mito pagão e a presença feminina*

Nos relatos finais de visões, o jovem vê, pela primeira vez em toda a visão, a presença feminina como uma das condenadas. A visão do inferno é aberta com uma mulher responsável por empurrar os homens ao abismo e aqui é fechada com uma mulher e um homem, condenados e presos entre as patas de um cachorro de três cabeças, conhecido da literatura e mitologia pagã, chamado Cerbero que lhes devora as entranhas.

<sup>32</sup> NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *O imaginário do além-mundo na apocalíptica e na literatura visionária medieval: itinerários de recepção*. Obra no prelo da Editora Metodista.

<sup>33</sup> NOGUEIRA, no prelo, p. 9.

<sup>34</sup> NOGUEIRA, no prelo, p. 15.

<sup>35</sup> NOGUEIRA, no prelo, p. 11.

<sup>36</sup> NOGUEIRA, no prelo, p. 11.

O cachorro está ali para castigar outros que, como aquele par, blasfemam contra as lideranças religiosas. É interessante que aqui, também pela primeira vez, há menção de diáconos e diaconisas, presbíteros e presbíteras. O interessante, do ponto de vista da narrativa, dessa presença desse cão é a história narrativa em torno dele. A mitologia diz que Cerbero era um cão que guardava a saída do inferno. Era amigável na entrada e se tornava feroz quando tentavam sair. Se for retomada a questão espacial e mesmo física apontada acima, há que se recordar que o jovem não entrou fisicamente no inferno, como outros personagens, mas ele morreu e sua saída também não é corpórea.

A presença desse personagem da mitologia pagã, à luz da presença no começo do Ato, de deuses do panteão greco-romano, possivelmente se dá por essa fluidez de ideias presente nas fronteiras da semiosfera, defendida por Lotman, como o espaço bilíngue de tradução de mensagens externas para a linguagem interna.<sup>37</sup>

Essas vozes reverberantes de culturas, não apenas pagãs, como no caso do cachorro, como de contato, com demais apócrifos, no sentido de que: temas, imagens, discursos que são comuns e perpassam os atos de Felipe e outros atos apócrifos, textos canônicos e possivelmente, como defende Bakhtin, vozes sociais da própria cultura, da arte, da cultura popular e marginal estão possivelmente presentes, esclarecendo essas questões.<sup>38</sup>

### *Visões fora do inferno. A segunda saída do inferno*

Após já ter saído do inferno e de terminar sua narrativa sobre as condenações, o narrador secundário, o jovem afirma que “saindo da porta” (p. 47, linha [I A 13] par 1), ele viu um altar com servidores zelosos e hipócritas entre eles e nesse bloco, surge um discurso de Miguel anunciando juízo sobre esses servidores e o jovem passa a conversar com Felipe. E aí, o narrador primeiro retoma seu papel de apresentar a narrativa.

O jovem, personagem narrador secundário, volta a obedecer à voz do narrador primário do texto. Mas ainda uma vez mais, ele pede para contar “algo de que se lembrou” (pág 49, linha [I A 16] par 1) e inicia outro relato de condenação de dois homens por serem tiranos e fazerem males aos homens.

No parágrafo seguinte, o jovem volta a fazer parte da história que ele narra e afirma que voltou à vida, arrebatado por um vento e fica então, uma quebra de dois finais dessa micronarrativa: primeiro volta à vida atendendo a um chamado, passando pela porta e depois, arrebatado por um vento.

Como já defendido acima, possivelmente, a fluidez de ideias com que textos como esse caminham pela semiosfera por vias da oralidade podem ter sobreposto tradições na relação inter e entertextos<sup>39</sup>. A

<sup>37</sup> LOTMAN, 1996, p. 11-26.

<sup>38</sup> BAKHTIN, 1997, p. 277.

<sup>39</sup> LOTMAN, Yuri. La semiótica de la cultura y el concepto de texto. *Entretextos: Revista Electrónica Semestral de Estudios Semióticos de la Cultura*, n. 2, nov. p. 1-6, 2003.

partir daí se encaminha o texto para o próximo ato, com o narrador retomando sua autoridade narrativa, estabelecendo a clausura do texto, ou seja, o fechamento desta unidade.<sup>40</sup>

## Linhas conclusivas

Todo o texto de Atos de Felipe apresenta uma narrativa envolvente, que, como característica própria da narrativa, se mostra cheia de ações do protagonista em sua viagem, seus milagres, expondo seus sentimentos, iras e atos maravilhosos.

Este trecho analisado por este artigo, apresenta uma parte desses atos, precisamente, o primeiro ato, em que ele trata da ressurreição de um jovem morto, pelo viés do testemunho e visão que este jovem tem de sua experiência de morte, num mundo do além e o testemunho que ele apresenta.

É fundamental perceber que este bloco é uma parte dentro de um todo e procurou-se observá-lo a partir de uma perspectiva da análise narrativa, contando com os referenciais teóricos de Bakhtin, quando observa os conceitos de dialogismo, tempo e cronotopo e realismo grotesco e Lotman, no conceito de semiosfera e fronteiras da semiosfera.

Vale ressaltar os limites da pesquisa, partindo do pressuposto do teor de novidade da mesma diante de todo o trabalho exegético em cima de textos canônicos, no sentido de que, quando se trata de textos apócrifos, discutir e analisar essas narrativas exige um trabalho que saia um pouco do campo de estudos histórico críticos e caminhe por um processo de análise narrativa.

Ficam, portanto, desafios para o futuro e esperança de novas perspectivas surgindo com a descoberta das experiências de pesquisa desse e outros textos.

## Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. Formas de tempo e cronotopo no romance: ensaios de poética histórica. *Questões de literatura e de estética*. Tradução de Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Hucitec; Anablume, 2010, p. 211-362.

BOURQUIN, Yvan; MARGUERIT, Daniel. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2009. 231 p.

GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura*. São Paulo: Edições Loyola, 1993. 263 p.

LEITE, Francisco Benedito. Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos. *Revista Magistro*, v. 1, n. 1, p. 43-63, 2011.

<sup>40</sup> BOURQUIN; MARGUERAT, 2009, p. 44.

LOTMAN, Yuri. *La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto*. Tradução do russo de Desiderio Navarro. Madri: Ediciones Cátedra S. A, 1996. 174 p.

LOTMAN, Yuri. La semiótica de la cultura y el concepto de texto. *Entretextos: Revista Electrónica Semestral de Estudios Semióticos de la Cultura*, n. 2, p. 1-6, nov. 2003.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *O imaginário do além-mundo na apocalíptica e na literatura visionária medieval: itinerários de recepção*. No prelo.

\_\_\_\_\_. (org.) *Religião de visionários: apocalíptica e misticismo no cristianismo primitivo*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 340 p.

PIÑEIRO, Antonio Sáenz; CIERRO, Gonçalo del. *Hechos Apócrifos de los Apóstoles*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2011. v. 3. 1223 p.